

FUNES, O MEMORIOSO: AS DISTORÇÕES DA MEMÓRIA E A IMPORTÂNCIA DO ESQUECIMENTO

GIOVANNA ROCHA DELELA¹

Resumo: Este artigo analisa o conto Funes, o Memorioso, publicado em 1944 por Jorge Luis Borges (1899-1986), e enfoca a temática da memória e do esquecimento. Nosso objetivo é analisar a memória do personagem Irineu Funes, questionando sua adequação às características básicas da memória humana. Primeiramente, retoma-se as interpretações e reflexões antes feitas sobre o conto, no que tange à temática da memória. Em seguida, será feita uma reflexão sobre as características da memória humana e o importante papel cumprido pelas suas distorções e pelo esquecimento. Por fim, será feita uma equiparação entre a memória humana e a memória de Irineu Funes, concluindo-se que são essencialmente distintas, e que a memória de Funes mais se assemelha a um meio de registro: armazena tudo sem seleção. Uma vez que Funes é privado daquilo que o constitui como ser humano, o resultado é a sua desumanização.

Palavras-chave: Funes, O Memorioso; Jorge Luis Borges; Memória e esquecimento.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, trataremos do conto Funes, o Memorioso, escrito por Jorge Luis Borges (1899-1986) e publicado pela primeira vez em 1944, no livro *Ficciones*. Exploraremos algumas das interpretações já realizadas e, em seguida, refletiremos sobre as características da memória e do esquecimento, para nos aprofundarmos no conto em questão.

A narrativa trata de Irineu Funes, uruguaio que desde jovem tinha uma capacidade impressionante de memória e percepção: sempre se lembrava de nomes próprios e conseguia dizer as horas sem consultar o relógio. Após um acidente que o deixou paralítico, a já impressionante memória de Funes tornou-se infalível: nada escapava à sua memória, assim como à sua percepção.

Nós, de uma olhadela, percebemos três copos em cima de uma mesa; Funes, todos os rebentos e cachos e frutos que comporta uma parreira. Sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer de trinta de abril de mil oitocentos e oitenta e dois e podia compará-las na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma que um remo sulcou no rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. (BORGES, 1997, p. 114)

No entanto, a incapacidade de esquecer não é a virtude que pode parecer à primeira vista. A memória sobre-humana condenou Funes a uma existência em que tudo é particular e nenhuma ideia geral pode ser formulada. Funes gostaria, por exemplo, de nomear de forma diferente não só cada

¹ Graduada em História pela Universidade de São Paulo (USP), SP, Brasil.

objeto, mas cada vez que se lembrou dele. Da mesma forma, para ele a lembrança de um momento irrelevante era tão viva quanto a de uma grande dor ou emoção. Num cenário sem seleção, sem generalização, o narrador conclui:

Havia aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos. (BORGES, 1997, p. 116-7)

Partindo dos intérpretes e das reflexões realizadas acerca da memória e do esquecimento, refletiremos sobre a memória do personagem Irineu Funes. Por que é importante esquecer? Quais são as características básicas da memória humana? A memória de Funes se adequa a tais características? São algumas das questões com as quais nos defrontaremos ao longo do trabalho.

2. OS INTÉRPRETES DE FUNES

Foram muitos os pensadores que se debruçaram sobre Funes, o Memorioso, e diversas foram suas conclusões. Parte desses pensadores adota uma visão otimista a respeito da memória infalível de Irineu Funes, como Shapiro, que considera o personagem um guardião da imutabilidade e, portanto, do conhecimento e da verdade (SHAPIRO, 1985). Para esse autor, a mente humana generaliza porque não consegue evitar; portanto Funes, que teria algo de divino, estaria à frente das outras mentes ao abandonar a generalização. Funes, o memorioso, seria responsável pela estabilidade, pelo passado e pelo presente (SHAPIRO, 1985).

Contudo, a maioria dos pensadores discordaria da visão otimista de Shapiro. Muitos creem que a narrativa de Borges, à primeira vista elogiosa – “[...] recordo-o (não tenho direito de pronunciar esse verbo sagrado, somente um homem na Terra teve direito)” (BORGES, 1997, p. 109) –, na verdade aponta os problemas que decorreriam de uma memória infalível, como o próprio narrador vai indicando ao longo do texto. Cada vez mais, a narrativa elogiosa vai se tornando depreciativa, até a explicitação da suspeita de que Funes “não era muito capaz de pensar.” (BORGES, 1997, p. 116-7).

Segundo Schwartz (2000, *apud* DURLO, 2018), Funes desconhece algo imprescindível para a memória: o esquecimento. Para Durlo (2018), a memória sobre-humana imobiliza o personagem, que se torna incapaz de pensar e agir. Autores como Bell-Villada (1981), Sturrock (1977) e Shaw (1976) apontam que o personagem padece de uma incapacidade de ação, infortúnio e inaptidão para o pensamento (SHAPIRO, 1985, *apud* DURLO, 2018). Como podemos ver, abundam as interpretações de que o esquecimento é uma virtude muito maior do que a memória infalível.

Há autores que fizeram conexões entre o conto de Borges e o pensamento de importantes intelectuais que refletiram sobre a memória e o esquecimento. É o caso de Kreimer (2000), que acredita haver uma relação entre Funes, o Memorioso e as ideias propostas por Nietzsche em *Da Utilidade e do Inconveniente da História para a Vida*. Na obra, Nietzsche condena o historicismo pela

saturação da memória e, conseqüentemente, o impedimento da ação. Segundo o pensador, o esquecimento é necessário para que se viva melhor, e nisso a filósofa Kreimer enxergou um paralelo com o conto de Borges. Para ela, Funes representa o sujeito moderno, bombardeado por uma torrente de informações que dificultam o pensamento reflexivo (KREIMER, 2000).

Outros, como J. Martin, creem que Funes, o Memorioso está mais relacionado a outro pensador: Henri Bergson, cuja obra *Matéria e Memória* postula que o corpo é um centro de ação. Segundo o pensador, nosso cérebro coordenaria um movimento entre passado e presente, prolongando as lembranças sobre as quais é possível atuar, de forma que elas se tornam novamente percepções (BERGSON, 1999). À luz dessas ideias, Martin afirma que um homem como Funes, impossibilitado de agir pela paralisia física, não precisaria que o cérebro selecionasse as memórias úteis, e assim teria acesso à sua memória completa. Segundo Bergson, é lidando com a matéria que desenvolvemos nosso esforço de concentração, e assim nossa capacidade intelectual. É o caso de Funes: paralítico, ele não age (não lida com a matéria) e, por isso, não precisa realizar nenhum esforço de concentração, do que decorreria sua inaptidão para ideias gerais (MARTIN, 2005).

Vemos que muitas foram as reflexões acerca de Funes, o Memorioso, pois o conto é de tal riqueza que permite interpretações as mais diversas. Sendo assim, continuaremos a refletir sobre ele, valendo-nos de mais teorias sobre a memória e o esquecimento para nos aprofundarmos no curioso personagem Irineu Funes.

3. MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E FUNES, O MEMORIOSO

Em seu prólogo à segunda parte de *Ficções*, Jorge Luis Borges declarou que o conto Funes, o Memorioso é uma metáfora da insônia (BORGES, 1997). Porém, isso não significa, como frisou Shapiro (1985), que devemos evitar nos aventurarmos por leituras outras, como as dos autores acima elencados, que enfocam a memória e o esquecimento. Com efeito, é isso que faremos a seguir, a começar por uma reflexão sobre a memória e suas principais características.

David Lowenthal, que assim diverge de Bergson, afirma ser importante desmistificar a ideia de que a memória seria um armazém que grava todas as lembranças permanentemente: para ele, esquecer é inevitável, e mesmo desejável, pois agir de forma eficaz requer uma memória seletiva, que esquece o que deixou de ser importante. Nessa tônica, o autor faz a seguinte afirmação:

As lembranças precisam ser continuamente descartadas e combinadas; somente o esquecimento nos possibilita classificar e estabelecer ordem no caos. “Uma importante condição para o lembrar”, como coloca Whitrow [em *The Natural Philosophy of Time*, 1981], “é nossa capacidade de esquecer.”. (LOWENTHAL, 1998, p. 95)

Já de início percebemos que essa ideia está em consonância com o que vemos no conto de Borges: um homem incapaz de esquecer é um homem incapaz de pensar. Afinal, pensar consiste em fazer classificações, encontrar semelhanças, atribuir significados. Com uma mente saturada, Funes é incapaz de ver convergências entre suas lembranças e, assim, incapaz de refletir sobre elas. Ele nunca

conseguiria, por exemplo, encontrar características comuns entre os mil anos que vão do século V ao XV e assim classificá-los como um único período, a Idade Média. Para ele, duas guerras medievais seriam tão diferentes entre si quanto são distintas da Segunda Guerra Mundial. Cada segundo é totalmente distinto do anterior. Para pensar, é imprescindível esquecer diferenças, hierarquizar, generalizar... e, dessa forma, atribuir significados às experiências.

Além da essencialidade do esquecimento, Lowenthal aponta que as lembranças têm um papel importante em temas como a História e a formação da identidade. A razão disso não é que memória e passado sejam correspondentes, porque não são. A memória é constantemente reajustada para se adequar às nossas necessidades presentes. Cada ato de lembrar ou de contar uma lembrança a altera, e isso, segundo Lowenthal, não é repreensível: é necessário, pois a relevância da memória está em relacionar passado e presente (LOWENTHAL, 1998).

Assim, Lowenthal conclui que a função da memória não é registrar experiências anteriores, mas reconstruí-las, já que o ser humano distorce e manipula o passado, mas também dá sentido a ele, conforme afirma o autor:

Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores e em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta. (LOWENTHAL, 1998, p. 103)

Voltando ao conto, percebemos uma discrepância entre o memorioso e as ideias enunciadas acima. Irineu Funes tinha mais recordações sozinho do que tiveram juntos todos os homens que andaram sobre a terra. Sua memória era mais que espantosa, era total. Diferentemente do que postula Lowenthal sobre a memória humana, Funes nada esquecia e nada alterava, uma vez que sua memória recompunha o passado tal qual foi.

Outra pensadora, Paula Sibilia (2005), acredita que refletir sobre a memória ajuda na compreensão do presente e do *eu*. Com esse objetivo, ela se vale de uma metáfora criada por Sigmund Freud para compreender o mecanismo que conserva as lembranças: Roma e Pompeia representam duas temporalidades que são distintas, mas complementares. A cidade de Pompeia representa a integralidade, o instante: é “a preservação intacta de uma imagem” (SIBILIA, 2005, p. 38), a totalidade conservada num momento singular, fotográfico. Já a cidade de Roma representa a multiplicidade, a duração: é a acumulação de fragmentos do passado, dispersos e parcelados.

Roma evoca o sonho da conservação total, mas com um caráter reverberador: nada se perde para sempre, pois qualquer fragmento pode vir a se destacar, agora atravessado por um novo significado. Afinal, a cada ato de recordar nós modificamos a lembrança.

O ser humano médio oscila entre essas duas temporalidades, ora Roma, ora Pompeia, sem nunca as sobrepor. Podemos então perguntar-nos a respeito de Funes, o memorioso: em que situação ele se encontra? Funes conhece Roma e conhece Pompeia e, ao mesmo tempo, desconhece ambas: todas as suas memórias estão preservadas (a multiplicidade de Roma), não só parcialmente, mas de forma plena (a integralidade de Pompeia). Porém, Funes é incapaz de unir suas lembranças

estilhaçadas sob qualquer generalidade, e cada uma das suas infinitas lembranças é para ele algo individual. Se Pompeia é um “bloco de espaço-tempo congelado” (SIBILIA, 2005, p. 38), então Funes está preso numa cidade cheia de blocos e mal há espaço para caminhar entre eles. O memorioso tem a integralidade de cada bloco, mas é incapaz de unir diferentes blocos sob o signo de uma ideia geral: seus blocos não passam de fragmentos individuais. Roma e Pompeia estão unidas, resultando não numa cidade magnífica, mas simplesmente numa cidade abarrotada.

De Roma, Funes tem o fragmentário, mas não tem o caráter reverberador. Cada vez que o memorioso retorna a uma lembrança – a um bloco –, em vez de modificá-lo, ele cria uma unidade nova: a lembrança de ter lembrado daquilo. Portanto, Funes é incapaz de transformar suas memórias ao revisitá-las: ele não modifica, apenas cria. E, dessa forma, sua memória não colabora para a compreensão do *eu*, ou do presente.

Ora, se Funes não consegue estar em Roma, nem em Pompeia; se ele não compreende o presente a partir da memória; se ele não distorce o passado ao lembrá-lo; se ele não une suas memórias em ideias gerais; se ele não esquece... então a memória de Funes não possui as características básicas da memória humana. Esta tem como característica essencial a transformação; sua função é adaptar-se, para assim enriquecer e manipular o presente (LOWENTHAL, 1998). Se isso não ocorre, é de memória que estamos falando ao nos referirmos a Funes?

O cérebro humano leva um longo período para processar uma informação após recebê-la, e parte da informação é esquecida a depender de como esse processamento ocorre. A memória humana está sempre em transformação (CARR, 2011).

Quanto mais nos aprofundamos nas características da memória, mais claro fica que a mutabilidade e o esquecimento são partes integrantes dela e que, portanto, a memória de Funes parece consistir em algo diverso. A memória de Funes é estática, ou seja, não sofre distorções, é infalível e de nada esquece. Tudo fica gravado. No entanto, Funes, cuja mente é abarrotada de lembranças, nada interpreta: o memorioso não atribui sentido a nada, não pensa, ele meramente registra.

Com isso, vemos que a memória de Funes muito diverge da memória humana. Mas então, do que se trata? As lembranças do memorioso se aproximam mais da História, uma vez que se distanciam das características da memória humana? Quando nos aprofundamos no tema, vemos que não é possível essa comparação, como será demonstrado a seguir.

Segundo Lowenthal, “O conhecimento é adquirido por meio da memória e da história. Mas nenhum objeto ou vestígio físico são guias autônomos para épocas remotas” (LOWENTHAL, 1998, p. 149). O mesmo pode ser dito em relação a qualquer documento: a história não se cria diretamente a partir de relíquias, fontes escritas ou dados. Fazemos história a partir da crítica dessas fontes, que por si mesmas não têm voz.

Assim é a memória de Funes: um meio de registro, sem voz própria, que não é como a memória humana, mas também não é como a história, pois a história requer a interpretação de fragmentos e a síntese de relatos (LOWENTHAL, 1998), a crítica de documentos a partir de um problema, a elaboração de uma análise. Já a memória de Funes consiste numa quantidade imensa de dados que são processados simultaneamente e armazenados por tempo indeterminado. O que será

feito desses dados não depende do mecanismo que os armazena, já que o mecanismo é neutro; ele meramente registra de forma desinteressada, sem hierarquizar, selecionar ou tirar conclusões a respeito dos dados.

Mas é preciso pontuar que o ser humano não pode ser neutro: seu olhar é subjetivo, interessado, mesmo quando tenta não ser. O ser humano inevitavelmente seleciona, faz escolhas, parte das suas experiências ao olhar para um objeto e pensar sobre ele, e assim é inevitavelmente parcial. Por essa razão, a memória e a história também não podem ser neutras... E ainda assim, Funes é neutro, pois não seleciona, tampouco modifica as memórias a partir das suas experiências.

Incapaz de esquecer, de distorcer, de ser parcial, meramente registrando as suas percepções sem selecioná-las ou analisá-las, Funes acaba despojado daquilo que o faz humano: a memória infalível teve a desumanização como consequência.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Funes, o Memorioso foi analisado por muitos intérpretes, e as conclusões a respeito do conto foram diversas. Alguns viram com bons olhos a memória sobre-humana de Funes, mas a esmagadora maioria compreendeu que as mazelas de uma memória infalível superam as virtudes de tal condição.

Analisando as características básicas da memória humana, compreendemos que o esquecimento é parte essencial da memória, pois nos permite fazer as generalizações e articulações em que consiste o pensamento. Além disso, percebemos a importância das distorções da memória, que nos permitem relacionar passado e presente, e do caráter reverberador, que ao modificar as lembranças lhes dá novo significado.

Em Irineu Funes estão ausentes tais características e, assim, o personagem mais se assemelha a um meio de registro. Funes armazena tudo de forma imparcial, sem selecionar ou analisar as informações. Privado daquilo que o constitui como ser humano, concluímos que o resultado é a sua desumanização.

Por fim, se o ser humano sonha com uma memória infalível, que una Roma e Pompeia numa profusão de lembranças nítidas e totais, Irineu Funes vem nos mostrar que o esquecimento e as distorções da memória têm o seu papel. A subjetividade, a interpretação e a adaptação são muito mais valiosas do que seria uma memória que tudo armazena, mas que não articula, não abstrai, não pensa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. Resumo e conclusão. In: BERGSON, Henri. (org.). *Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Globo, 1997.

CARR, Nicholas. Busque, memória. In: CARR, Nicholas. (org.). *A geração superficial: O que a Internet está fazendo com os nossos cérebros*. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

DURLO, Carlos Henrique. A memória e o esquecimento no conto “Funes, o Memorioso”, de Jorge Luis Borges. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 66-77, 2018.

KREIMER, Roxana. Nietzsche, autor de “Funes el memorioso”: Crítica al saber residual de la modernidad. In: CANAPARO, Claudio; LOUIS, Annick; ROWE, William; KAUFMAN, Alejandro. (org.). *Jorge Luis Borges: intervenciones sobre pensamiento y literatura*. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, v. 17, p. 63-201, 1998.

MARTIN, Jorge. Borges, Funes y... Bergson. *Variaciones Borges*, Pittsburgh, n. 19, p. 195-208, 2005.

RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SHAPIRO, Henry L. Memory and meaning: Borges and “Funes el memorioso”. *Revista Canadiense de Estudios Hispánicos*, Edmonton, v. 9, n. 2, p. 257-265, 1985.

SIBILIA, Paula. A vida como relato na era do *fast-forward* e do *real time*: algumas reflexões sobre o fenômeno dos *blogs*. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 35-51, 2005.